

Global 17-11-80

SIL

Concretos paulistas (obras recentes) e Maria Leontina

A Galeria *Place des Arts*, depois de trazer ao Rio, em sua mostra inaugural, a obra derradeira de Yuji Tamaki, que nos anos 30 integrou o Núcleo Bernardelli, mas que sempre esteve vinculado à vida cultural de São Paulo, reúne agora, em sua segunda exposição, seis artistas construtivos, cinco deles integrantes, nos anos 50, do Concretismo paulista. O sexto expositor é Maria Leontina, nascida em São Paulo, e como os demais, aluna de Waldemar da Costa (e não Waldemar Cordeiro, como saiu no roteiro do penúltimo domingo), mas residente no Rio. Como uma das áreas de interesse da *Place des Arts* é o informalismo nipo-brasileiro ou a pintura japonesa no Brasil ela está se tornando uma galeria paulista... no Rio.

MARIA LEONTINA:

ESPIRITUALIDADE

Em meu comentário de sexta-feira última fiz o elogio da Galeria Acervo pela maneira rigorosa como organizou a exposição do Grupo Grimm. Seria demais exigir da galeria do Shopping Cassino Atlântico, com seu pequeno espaço e pouca experiência, que realizasse, com o mesmo rigor museológico da mostra citada sobre o Grupo Grimm, uma exposição sobre o Concretismo paulista. Por outro lado, não está em questão a qualidade dos trabalhos expostos, todos eles impecáveis. Falta, entretanto, rigor na concepção da mostra, que mesmo revelando uma coerência visual ou exterior, não passa de uma simples coletiva.

Primeiro, não se trata de uma exposição do Concretismo, isto é, de um movimento já histórico, mas uma exposição de obras recentes de cinco integrantes do movimento concreto paulista, e de Maria Leontina. Curiosamente, apenas esta última — que, como Milton Dacosta, Ubi Bava, Dionísio del Santo, Volpi ou Rubem Valentim, apenas tangenciou o Concretismo, não integrando, como os artistas citados, as exposições do grupo, nem assinando seus manifestos — comparece à mostra com trabalhos dos anos 50, aliás, esplêndidos. Especialmente o primeiro, que abre a exposição, uma composição sobre fundo negro, ou o outro, que integra a série "Jogos e Enigmas". Maria Leontina tem uma sensibilidade muito diversa dos concretistas paulistas. Sua obra é peculiaríssima e muito requintada. Não lhe interessa a lógica do olho, que nos concretos, resulta em jogos óticos e rigidamente estruturais. Seu colorido, a imprecisão de seus contornos, a leveza de suas formas, sobretudo nos trabalhos mais recentes, revelam na

artista uma delicadeza de sentimentos e uma espiritualidade realmente diversas dos trabalhos de seus contemporâneos. A questão que interessa a Maria Leontina é o tempo, enquanto vivência interior.

Para os concretistas importam as virtualidades especiais, o que conseguem mediante um rígido controle da relação, entre cor e forma.

POR QUE NÃO IVAN SERPA?

Mas, dizia, são trabalhos recentes, de hoje, mesmo aqueles nos quais são retomadas propostas anteriores. Refiro-me ao Objeto-forma de Geraldo de Barros, que é de 53, um clássico do Concretismo ou um quadro projetado por Hermelindo Fiaminghi em 1956 e só realizado há três anos. Lothar Charoux não mudou basicamente sua proposta em quase três décadas de uma produção criativa ininterrupta. Mantém-se ortodoxamente fiel aos seus próprios modelos. Tanto faz, portanto, que as obras expostas sejam de feitura recente.

A lógica da exposição, indicaria outros cariocas para integrar a exposição, penso, por exemplo, em Ivan Serpa ou Rubem Ludolf. Mas, talvez, tenha pesado mais ainda que o vínculo dos expositores com o Concretismo paulista, o fato de que todos estudaram, nos anos 40, com Waldemar da Costa, um excelente mestre, e que nunca teve nada a ver com aquele movimento.

CONCRETISMO EM SP:

AVANÇOS E RECUOS

No início do próximo ano teremos a oportunidade de ver, no Museu de Arte Moderna do Rio, simultaneamente, exposições de Fiaminghi e Luis Sacilotto. Será uma boa oportunidade para que o público carioca conheça a evolução da obra desses dois típicos representantes do concretismo paulista. Tipo arredio, que sempre viveu fora da capital paulista, Sacilotto tem uma obra muita rica e inventiva. Basicamente pintor, realizou também trabalhos tridimensionais que, por vezes, o aproximam do neoconcretismo carioca. Suas concreções atuais, à primeira vista, parecem situá-lo no campo estreito da arte ótica, apenas. Sua proposta, porém, é mais rica e continua acionando com maior larguesa os mecanismos da visão — ou do ato de ver.

Há um depoimento de Fiaminghi, datado de 1975, que serve não apenas para ilustrar seu trabalho, mas também o de Sacilotto. "As obras concretas — diz — têm em comum a cor e a

forma como funções principais, e não os estímulos delas decorrentes. O movimento pela cor e pela forma, a linha delimitando espaços virtuais, o campo predeterminado do quadro, a intermitência cor-luz. A obra concreta, considerada por muitos apenas geometria, não representa a pura geometria recriada, como um meio não apenas formal, mas de expressão. Sua linguagem contribui para que a pintura seja vista primeiro, e depois pensada, ao contrário de ser pensada para ser vista, conferindo à obra, conteúdos apriorísticos, e por vezes inexistentes".

Contudo, diferentemente de Sacilotto e Charoux, sempre fiéis aos seus próprios modelos, Fiaminghi, Geraldo de Barros e Maurício Nogueira Lima, como o próprio Waldemar Cordeiro, de certa maneira, não resistiram à pressão da renovação figurativa representada pela *pop* nos anos 60/70, (assim como alguns vacilaram diante da avalanche informalista, ainda nos anos 50), procurando aplicar o rigor concretista na abordagem da nova imagética do consumo. Fiaminghi pegou a coisa pelo lado da retícula, assim como tentou conciliar a pincelada livre, a mancha, com sua pesquisa espacial, enquanto Barros e Nogueira Lima atacaram diretamente a figura, como que recriando em seus quadros, o out-door. Mas recuaram novamente aos parâmetros construtivos anteriores, já incluída, porém, a experiência recente com a figura e com um colorido diverso mais vivo. Ilustrativo dessas idas e vindas, desses avanços e recuos concretistas, é a própria obra de Maurício Nogueira Lima. No catálogo de sua mostra na Galeria Global, em outubro de 1977, ele se perguntava, e depois de referir-se à década de 60, "estranha época, que vai da euforia à desolação": "Como enganjar-se sem ser panfletário? Deixar o laboratório e sair à rua, participar, e devolver"? Depois de percorrer as imagens da grande cidade, Nogueira Lima voltou ao "laboratório" concretista, com "a intenção de neutralizar e/ou reduzir a entropia" das "imagens poluentes". Afinal, como ele mesmo define, "a arte concreta é a consciência construtiva do mundo contemporâneo, que propõe uma comunicação por imagens visuais universais, desligando-se das formas e conteúdos pouco prováveis".

● A partir de amanhã, na Galeria Paulo Klabin, o escultor Sérgio Camargo expõe peças de xadrez realizadas em mármore preto e branco.